

Parte 2 - Vertentes diferenciadas do comportamento judaico brasileiro

1º capítulo - Identidade e etnicidade

Imigração e território: o papel de Israel na construção da identidade judaica da Diáspora

Adriana Spilki
Anita Brumer

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SPIPKI, A., and BRUMER, A. Imigração e território: o papel de Israel na construção da identidade judaica da Diáspora. In: LEWIN, H., coord. Agradecimento. In: *Identidade e cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, pp. 558-580. ISBN: 978-85-7982-018-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Imigração e território: o papel de Israel na construção da identidade judaica da Diáspora¹

Adriana Spilki² e Anita Brumer³

Introdução

Este trabalho focaliza a importância de Israel para a construção e o fortalecimento da identidade dos judeus da diáspora, examinando as viagens de ida e de retorno de judeus entre o Brasil e Israel. Tem como objetivo principal a análise da migração de judeus brasileiros a Israel, inserindo-a no contexto das migrações internacionais, através de três momentos: 1) a viagem de ida a Israel, contemplando principalmente as motivações do(a) viajante, bem como o conteúdo social e cultural de sua ‘bagagem’ (desterritorialização); 2) a adaptação ao novo território (reterritorialização); 3) a viagem de retorno ao Brasil, incluindo o processo de readaptação e o conteúdo social e cultural da ‘bagagem’ adquirida naquele país.

O exame da ‘migração’ dos judeus da diáspora a Israel suscita, assim, uma série de questões. A primeira diz respeito às motivações para a viagem e estadia naquele país por um tempo superior ao que é comum em viagens de turismo (é evidente que nem todos os jovens judeus têm esta motivação e, entre os que vão a Israel, as motivações são diversas). A segunda diz respeito às facilidades e dificuldades no processo de adaptação a um país com língua, cultura, economia e políticas distintas. Outra se refere aos motivos para o retorno, mesmo quando a previsão anterior era de uma estadia mais longa. Por fim, ressalta a questão da reintegração dos ‘migrantes’ à sociedade de origem, através das relações que se estabelecem após o retorno, isto é, como os jovens utilizam sua experiência, e em que medida essa experiência contribui para a construção de sua identidade judaica na diáspora.

¹ Este texto representa uma abordagem inicial de uma pesquisa em andamento.

² Graduanda em Psicologia, na UFRGS.

³ Professora Titular do Departamento de Sociologia da UFRGS.

O trabalho visa, assim, verificar também a relevância do território israelense na construção e reforço da identidade dos judeus da diáspora, examinando a forma de compatibilização entre integração à sociedade brasileira e o reforço à identidade étnica de imigrantes judeus e seus descendentes.

A principal questão do trabalho diz respeito à identidade judaica confrontada com o fato dos judeus serem minoria⁴ no Brasil e maioria em Israel e com os aspectos referentes à integração de jovens brasileiros numa cultura diferente da brasileira. A situação de constituírem uma minoria pode explicar em grande parte o movimento de retorno ao país de origem, enquanto que, a situação de imigrantes no país em que os judeus são maioria coloca os imigrantes potencialmente numa nova situação de minoria, nesse caso como brasileiros. Por outro lado, na situação de retornados ao país de origem, torna-se necessária uma nova adaptação, nem sempre fácil.

Jardim (2000), ao dissertar sobre a identidade étnica de palestinos residentes no Brasil, considera que:

A discussão sobre “grupos minoritários” tem como diálogo a relação estabelecida entre Estado Nacional e a capacidade desses grupos de inserirem-se na sociedade nacional como ‘nacionais’, ou seja, a relação entre o étnico como origem da nação e dos nacionais e, de outra parte, entre ‘grupos étnicos’ que sublinham sua diferença com relação aos nacionais (Jardim, 2000: p.30).

Para fundamentar o presente trabalho, torna-se necessário explicitar o conceito de identidade étnica e examinar a questão das migrações internacionais, assunto relativamente novo na literatura sociológica brasileira.

⁴ O termo minoria foi conceituado por Banton (*apud* Seyfert, 1986) em torno da noção de limite, já que considera que, em relações intergrupais, as minorias se definem por si mesmas e pela maioria. Os limites aos quais o autor se refere são: exclusão e inclusão. O limite de exclusão ocorre por um posicionamento à parte da minoria, o que faz com que a maioria responda com a construção de um limite, provocando a exclusão da minoria de certas relações sociais. A resposta da maioria impõe à minoria a construção de limites inclusivos a partir dos próprios interesses do grupo minoritário em questão. O conceito de minoria não se baseia em dados numéricos. Para o estudo proposto, consideraremos os conceitos de minoria étnica e minoria nacional.

O conceito de identidade étnica

No estudo da identidade judaica, a noção da identidade étnica oferece um marco conceitual de referência. Diversos autores têm examinado questões referentes à identidade e à identidade étnica. Barth, por exemplo, sintetizando a perspectiva analítica dos antropólogos que tratam dessa questão, indica que a identidade étnica leva em conta quatro aspectos: 1) como os indivíduos se veem; 2) como são vistos pelos outros; 3) como veem os outros; 4) como acham que são vistos pelos outros. Assim, um grupo étnico caracteriza-se por perpetuar-se biologicamente, partilhar valores culturais fundamentais e contar com membros que se autoidentificam e são identificados por outros, constituindo uma categoria distinguível de outras categorias de mesma ordem. Além desses aspectos, Barth acrescenta que as características levadas em consideração por um grupo étnico não são meras somas de diferenças objetivas, mas aquelas consideradas como significativas pelos próprios atores. Outra questão enfatizada por Barth diz respeito às fronteiras entre os grupos étnicos. Essas fronteiras não são referidas como meramente territoriais, embora Barth não ignore a importância das mesmas. Porém, esse autor trabalha com o conceito de fronteiras sociais, que implicam em uma complexa organização de relações sociais e comportamentais.

Segundo Jacques (1998), identidade pode ser caracterizada em termos de identidade pessoal e identidade social (incluindo a identidade étnica, a identidade religiosa e a identidade sexual, entre outras), determinada a partir do confronto ou mediação do outro. Como diz Jacques, “as características humanas historicamente desenvolvidas se encontram objetivadas na forma de relações sociais que cada indivíduo encontra como dado existente, como formas históricas de individualidade, e que são apropriadas no desenrolar de sua existência através da mediação do outro” (Jacques, 1998: p.162). Para a autora, o emprego do vocábulo ‘apropriação’ tem por objetivo destacar o caráter ativo da relação do indivíduo com o social: “o contexto sócio-histórico é resultante da ação humana enquanto externalização do seu psiquismo, que volta a se interiorizar transformado, num processo contínuo de articulação entre o individual e o social” (Jacques, 1998: p. 163).

Numa perspectiva da ciência política, Martin (1992), ao conceituar identidade étnica, acrescenta às características apontadas por Barth a relação

com o passado e com o espaço social e, ainda, a integração da história e do espaço social com a cultura. Nesse aspecto, o papel de Israel na configuração da identidade judaica da Diáspora encontra sua justificativa. Sem ser a origem geográfica da maioria dos imigrantes judeus que vieram ao Brasil, a identidade judaica, através dos tempos, fundou-se na ideia da origem, naquele território, há mais de cinco mil anos; e judeus vivendo durante séculos em várias partes do mundo tinham em comum, entre outros aspectos, a ideia do retorno a Jerusalém. Essa ideia consubstanciou-se na criação do Estado de Israel pela ONU, em 1948, e a partir daquela data tornou-se comum a identificação de Israel como o território ‘de origem’, como parte da identidade da maioria dos judeus, tanto os que vivem em Israel como os da diáspora. Outrossim, muitos judeus da diáspora consideram a relação com o Estado de Israel (assim como a sobrevivência do mesmo) como parte necessária de sua própria sobrevivência, como um anteparo à disseminação do antissemitismo, que levou ao extermínio de cerca de seis milhões de judeus durante a II Guerra Mundial.

Em síntese, no exame da identidade de um grupo étnico merecem destaque alguns elementos: a história e a memória, a religião, a tradição, a língua, a cultura (música, danças, artefatos, comidas típicas, etc.) e o território de origem. Além disso, também assumem importância as representações que os próprios membros do grupo têm sobre sua inclusão ou não no grupo.

Num estudo sobre o processo de educação não formal na construção da identidade judaica, verificou-se que, apesar de não envolverem mais de um terço da totalidade dos jovens judeus de Porto Alegre, para os que estão envolvidos, tanto os movimentos juvenis quanto os grupos de dança, mesmo tendo objetivos distintos, contribuem para a formação e afirmação da identidade judaica. Em ambos, estão presentes aspectos como o contato com outros membros da comunidade judaica, reforçando o sentimento do ‘nós’; o uso de símbolos judaicos e de expressões em língua hebraica; referências à história judaica e ao Estado de Israel como território (em termos políticos e culturais, como se evidencia no resgate da música e do folclore daquele país). Além disso, verificou-se que os movimentos juvenis se diferenciam dos demais grupos de jovens, por incluírem aspectos ideológicos, enquanto os grupos de dança destacam-se por enfatizarem os aspectos culturais e históricos, e, principalmente, a interação com o público, reforçando nesse confronto tanto a identidade dos participantes quanto a dos que assistem às

apresentações. Constatou-se ainda a integração entre movimentos juvenis e grupos de dança, tendo em vista que cada movimento juvenil tem seu próprio grupo de dança e muitos membros dos movimentos juvenis participam de outros grupos de dança além do grupo do próprio movimento⁵.

No decorrer dessa investigação, verificou-se que a relação dos jovens da diáspora com o Estado de Israel vai além do resgate de música, danças, comidas típicas e história daquele país. Uma parte significativa dos judeus da diáspora mantém contatos com aquele país, através de visitas de turismo, permanência no país para estudos ou trabalho⁶, contatos com amigos e familiares que residem ou que fixaram residência lá. Constatou-se que a ida de judeus, principalmente jovens, a Israel, por determinado período de tempo, é comum e, de certa forma, incentivada pelos movimentos juvenis e por outras organizações judaicas.

O interesse dos judeus da diáspora por Israel, demonstrado pelas viagens àquele país, pode ser aferido através dos dados do censo realizado junto à coletividade judaica do Rio Grande do Sul (Brumer, 1994: p.121), quando se constatou que cerca de 33% dos entrevistados em Porto Alegre já viajaram pelo menos uma vez a Israel e 4,6% dos entrevistados viajaram quatro vezes ou mais ou residiram naquele país. Os dados do censo também revelam que aproximadamente 4% dos filhos dos entrevistados em Porto Alegre residem no exterior (Brumer, 1994: p.75).

Um estudo recente realizado no Uruguai, com egressos do curso secundário da rede formal de educação judaica, revelou que cerca de 20% viviam fora do país por ocasião da pesquisa. O perfil da emigração judaica é distinto do perfil da emigração uruguaia como um todo: enquanto a

⁵ Esta pesquisa foi coordenada pela professora Anita Brumer, contando com Adriana Spilki como bolsista de Iniciação Científica. Dessa pesquisa resultou o texto “Educação Não Formal e Identidade Judaica: Movimentos Juvenis e Grupos de Dança na Construção do Judeu Contemporâneo”. O trabalho foi apresentado por Adriana Spilki, bolsista PIBIC, no Salão de Iniciação Científica 2000 e no Seminário sobre Imigração Judaica no Rio Grande do Sul, realizado pelo Instituto Cultural Judaico Marc Chagall em maio de 2000. A professora Anita Brumer apresentou um trabalho semelhante no II Encontro de Assuntos Judaicos, realizado na UERJ, em novembro de 1999.

⁶ Na pesquisa realizada pela Federação Israelita do Rio Grande do Sul em 1993, 38,3% dos judeus entrevistados em Porto Alegre tinham ido a Israel pelo menos uma vez; 4,6% dos entrevistados tinham viajado para aquele país quatro ou mais vezes ou haviam residido lá por algum tempo. (Brumer, 1994: p.121)

emigração uruguaia tem como destino, principalmente, países como Argentina, Brasil, Estados Unidos, Austrália, Canadá, Venezuela, Espanha e Itália, a emigração judaica destina-se prioritariamente a Israel (60% dos emigrantes) e aos Estados Unidos (23% dos emigrantes), seguidos pela Argentina (8%). Outra característica diferencial diz respeito ao nível socioeconômico e educacional dos emigrantes, em que os judeus uruguaiois apresentam perfil superior ao da média nacional (Berenstein, Porzecanski, 2001: p.11-12).

Jardim (2000), em sua análise dos imigrantes palestinos na região do Chuí, no Rio Grande do Sul, ao abordar uma visão mais dinâmica da etnicidade (visto que leva em conta os mecanismos de produção da etnicidade), aproxima nacionalismo e etnicidade como fenômenos de mesma qualidade. Em suas próprias palavras:

Identidades nacionais emergentes redimensionam questões sobre etnicidade e nacionalismo. No cenário dos debates sobre fenômenos étnicos parece que nem só de tradições (mesmo recriadas) constituem-se coletividades. O direito a autodeterminação do povo palestino fora reconhecido por organismos da Organização das Nações Unidas, no entanto, as definições territoriais não foram igualmente asseguradas. Assim, devem ser buscados outros parâmetros explicativos para a compreensão da constituição de lealdades ou do trânsito entre etnicidade e nacionalismo, especialmente para um segmento em diáspora ou, em outras palavras, em uma situação que prima pela indefinição e que parece ter de inventar suas origens, tradições e, portanto, suas especificidades. (Jardim, 2000:p. 41)

O contexto das migrações internacionais

A ida de judeus a Israel relaciona-se à temática das migrações⁷ internacionais, sobre a qual já existem alguns estudos relativos a outros grupos étnicos ou a outros países. O Japão, por exemplo, vivencia uma

⁷ No artigo “Migrações”, publicado na Internet, as migrações são definidas como “movimentos de pessoas de uma região para outra. São internas quando ocorrem dentro de um mesmo país e externas quando se dão de um país para outro”. Como variações desse conceito aparecem emigrações (saída da população de um lugar) e imigração (entrada de estrangeiros em um lugar).

experiência interessante em relação aos processos migratórios⁸. A partir da primeira década do século XX, muitas famílias japonesas migraram para o Brasil devido a acordos diplomáticos entre estes países e incentivo do próprio governo japonês. Essas famílias vieram trabalhar nas lavouras de café e buscar uma vida melhor do que a vida que tinham no seu país de origem. Porém, pode-se notar, como um fenômeno relativamente recente, a migração de brasileiros de origem japonesa para o Japão. Supõe-se que esse fenômeno migratório (denominado *dekassegui*) tenha tido início devido à expansão econômica japonesa, a partir da década de 80, associada à crise econômica brasileira. Embora ambos os exemplos sejam considerados migrações, eles se diferenciam em alguns aspectos básicos: os japoneses que vieram para o Brasil no início do século passado vieram para o trabalho na agricultura, prática que também exerciam no seu país de origem, enquanto que o movimento dos *dekasseguis* se caracteriza por serem eles imigrantes chamados para o trabalho em fábricas ou nos mais diversos serviços no Japão, o que, em geral, não corresponde à prática do sujeito em seu país de origem. Em relação ao fenômeno *dekassegui*, pode-se dizer que houve dois momentos. De acordo com Elisa Sasaki⁹, em um primeiro momento, eram homens solteiros ou chefes de família que emigravam e mandavam dinheiro para suas famílias no Brasil. Esses homens não divulgavam sua ida para o Japão, pois isso significaria seu fracasso frente à sua comunidade. Em um segundo momento, no entanto, devido à ideia de proximidade cultural, passou-se a valorizar a emigração para o Japão como uma forma de aproximação à terra de origem, à terra dos ancestrais. Nessa época, tornou-se mais comum a emigração de famílias inteiras ou de jovens recém-casados para o Japão.

Outro exemplo marcante de fenômeno migratório refere-se à emigração de brasileiros para os EUA. Um dos exemplos mais significativos desse movimento ocorreu no final da década de 80 e início da década de 90, quando foi percebido um representativo movimento migratório originado da cidade de Governador Valadares, localizada em Minas Gerais, em direção aos Estados Unidos. A maioria desses valadarenses emigra principalmente para

⁸ Informações sobre migrações internacionais foram obtidas na Internet, no endereço <http://www.comciencia.br/reportagens/migrações>

⁹ Cujo depoimento foi incluído na reportagem “Migração japonesa e o fenômeno *dekassegui*: do país do sol nascente para uma terra cheia de sol” In: BRASIL: migrações internacionais e identidade [sem referência a autor].

os estados de Massachusetts, Nova Jersey e Nova Iorque, com o objetivo de melhorar o padrão de vida. É bastante comum o estabelecimento clandestino de brasileiros nos Estados Unidos, o que limita as possibilidades de trabalho, em geral considerado como “subemprego”. Outra característica comum a esse movimento migratório é o envio de dinheiro pelos imigrantes para a família que permanece no Brasil. Segundo Valéria Cristina Scudeler, esse movimento sustenta-se através da construção de uma ‘cultura migratória’ (definida por ela como “uma predisposição, motivada por fatores de ordem histórica, cultural e socioeconômica, a deslocamentos geográficos, tanto internos como externos a um território nacional”) e de um ‘imaginário coletivo’ a respeito da América.

João Fábio Bertonha questiona a ideia de um desligamento total por parte do imigrante em relação a seu país de origem. Segundo Bertonha, apesar dessa ideia ter um ‘fundo de verdade’, já que os imigrantes estão envolvidos com sua adaptação em um novo país que, em geral, fala outra língua e que apresenta cultura e costumes distintos dos seus, não se pode falar em um desligamento total em relação ao país de origem, pois em estudos a respeito de imigrantes constata-se que a maioria aglomera-se em bairros, buscando apoio na comunidade e mantendo hábitos comuns ao país de origem. Bertonha acrescenta ainda que muitos imigrantes demonstram uma preocupação constante em relação aos acontecimentos de sua terra natal, estando com o olhar voltado para suas origens. Examinando atitudes de imigrantes italianos, ibéricos, japoneses, alemães e outros, no Brasil, nas décadas de 30 e 40, Bertonha constatou que esse interesse se comprovava em ocasiões nas quais as relações de uma comunidade estrangeira com uma outra sofriam alterações que dependiam das relações do Brasil com as nações de origem, e da sua nação de origem com outra.

Uma situação interessante ocorre com os árabes residentes no Brasil (com uma forte comunidade no Chuí-RS). De acordo com Jardim (2000), esses imigrantes realizam viagens à Palestina, visando a objetivos diversos, com viagens tanto familiares quanto individuais. A autora considera a viagem como uma iniciação dos jovens, proporcionada e planejada pela família, resultando na redescoberta e recriação da pertinência do tema de origem comum. Ela considera que essas viagens, de certa forma, singularizam, embora demonstrem os caminhos de uma experiência coletiva. A viagem, nesse caso, é vista como um importante mecanismo social, pois permite o

domínio sobre a família árabe (seus possíveis modelos e características) e, também, sobre o idioma. Segundo palavras da autora:

As viagens efetuadas pelos filhos de migrantes, ou aquelas que serão feitas, pois fazem parte do seu horizonte de possibilidades, permitem traçar uma comunidade imaginada. Especificamente as viagens internacionais ocasionam não só uma revitalização do idioma étnico, mas prioritariamente inscrevem-se nas experiências individuais enquanto instrumentos necessários para produzir essa “comunidade imaginada”, instrumentos que possibilitam o deslize do étnico para o nacional e vice-versa. (Jardim, 2000: p.319)

A ideia de território está, portanto, presente na análise das migrações. Em termos gerais, território pode ser conceituado como espaço onde se dá a sociabilidade, sendo derivado de uma construção social. Nesse espaço, concorrem e sobrepõem-se territorialidades distintas (locais, nacionais, regionais, mundiais) que apresentam diferentes percepções, valores e atitudes territoriais, podendo gerar relações de complementação, de cooperação e de conflito (Gómez, 1998). À medida que um indivíduo ou grupo deixa o território no qual nasceu e onde estabeleceu laços familiares, sociais, culturais, econômicos e políticos, pode-se falar em desterritorialização, que foi definida por Gómez (1998) como um processo de perda do território decorrente da dinâmica territorial (no caso do presente trabalho, a dinâmica territorial está constituída pelo próprio ato de migrar). Ao ingressar em um espaço territorial e tentar adaptar-se ao mesmo, está-se diante da reterritorialização, que visa dar conta de dimensões espaços-temporais, econômicas, culturais e políticas que ultrapassam as fronteiras dos estados.

Outro conceito que se encontra atrelado ao tema das migrações é o de multiculturalismo. Para Machado (2000), multiculturalismo é todo agrupamento social que conjuga uma diversidade cultural oriunda do encontro de várias etnias. Vásquez (2001) agrega a ideia de que o multiculturalismo amplia o horizonte social e histórico, no qual interagem diversas culturas que apresentam sua identidade própria, existindo um reconhecimento da diversidade e um espaço onde cada cultura se encontra em busca de porções de identidade constitucional.

O processo de adaptação dos imigrantes

Na abordagem das correntes migratórias dos dias atuais, Clifford (1994) utiliza a expressão diásporas.

Numa ideia semelhante, ao tratar do tópico das migrações de estrangeiros para o Brasil, Lesser (2001, p.22) considera que “a assimilação (na qual a cultura pré-migratória da pessoa desaparece por completo) foi um fenômeno raro, enquanto a aculturação (a modificação de uma cultura em resultado do contato com uma outra) foi comum”. Neste sentido, afirma que “a homogeneização da identidade nacional e cultural jamais veio a ocorrer” (Lesser, 2002: p.23).

O autor coloca em evidência o conflito existente entre os nacionais e os imigrantes, portadores de culturas estranhas ao país, demonstrando as dificuldades de adaptação dos imigrantes ao novo território no qual se estabelecem. Pode-se pensar em um jogo ‘interétnico’ no qual se mostra difícil discernir de onde vem a resistência à total assimilação à cultura local: dos próprios moradores do país ou dos migrantes, na tentativa de preservar sua própria cultura o mais intocada possível? A dificuldade em responder a essa pergunta pode ser explicada pelo conceito de grupo étnico referido por Barth e já exposto anteriormente, em que o autor leva em consideração para definir grupo étnico a relação estabelecida entre o ‘nós’ do grupo e os ‘outros’.

Lesser (2001) propõe que parte das dificuldades enfrentadas por imigrantes provenientes de vários países, ao tentar negociar uma ‘identidade nacional’, decorre dos preconceitos existentes na população brasileira. Ao salientar este aspecto, ele realça a noção de ‘fronteira’, referida por Barth, como um importante elemento da identidade étnica.

Há vários estudos sobre a imigração de europeus ao Brasil, principalmente sobre os alemães e italianos¹⁰, que representavam a maioria dos imigrantes ingressos no Brasil a partir do século XIX. Mais raros são estudos sobre imigrantes de outras etnias¹¹, numericamente menos significativos.

¹⁰ Entre os quais, pode-se mencionar: Roche (1969); Manfroi (1975), Seyferth (1986) e uma coletânea sobre imigração no Rio Grande do Sul (Lando, 1980).

¹¹ Ver, por exemplo, um trabalho sobre os sírios e libaneses em São Paulo (Truzzi, 1997), e um estudo sobre a imigração japonesa (Saito e Maeyama, 1973).

Grande parte dos imigrantes europeus que se instalaram no Brasil dedicou-se à agricultura, provavelmente porque esta era a atividade produtiva dominante durante o século XIX. Para os que ingressaram no país no século XX, a agricultura já não era a ocupação principal.

Os judeus que vieram ao Brasil tinham diversas ocupações, destacando-se a agricultura (graças ao estabelecimento de algumas colônias agrícolas, principalmente no Rio Grande do Sul), o comércio (inicialmente como vendedores ambulantes) e as atividades artesanais (marcenaria, costura, entre outras) (Scliar, 1990). E, da mesma forma como grande parte dos judeus que se estabeleceram no Brasil, começaram a vida como mascates, apoiados por uma rede local de imigrantes já estabelecidos no país (Scliar, 1990). Jardim (2000) ressalta a atividade comercial como fundamental para a inserção dos árabes na cultura brasileira, pois o comércio era o único espaço possível de atuação na fase inicial da sua instalação no país. Como mostra Jardim (2000), os mascates aprendiam o ofício com os árabes que já estavam mascateando há mais tempo. Nos estudos sobre a imigração judaica, fica evidente a mobilidade profissional na geração de filhos desses imigrantes que, graças ao estudo, têm oportunidades mais diversificadas. O mesmo pode-se esperar que ocorra com os descendentes dos imigrantes palestinos.

Quando se trata do estudo das migrações em outros países, são destacadas também as características da legislação¹², a dificuldade de aprendizagem da língua (ou das línguas) falada no país, a necessidade de inserção (e às vezes reciclagem) profissional, a educação dos filhos, a aprendizagem das normas e valores vigentes, assim como a possibilidade de existirem tensões nas relações com a população local, devido aos estereótipos existentes e à ideia de que os imigrantes competem em termos de emprego e oportunidades educacionais e benefícios sociais.

No que diz respeito às migrações de judeus para Israel, foram feitas algumas pesquisas naquele país nas décadas de 50 e 60, após a declaração de criação do Estado de Israel, em 1948, motivadas pelo fato de o país ter recebido inúmeros imigrantes de diversas origens num período de tempo relativamente curto. Entre os estudos desenvolvidos em torno da questão da

¹² Como é caso do Japão, que é apresentado por Chaudhry como tendo uma política inflexível em relação aos imigrantes, mesmo quando são casados com um japonês nativo e tem filhos com essa nacionalidade.

integração/adaptação de imigrantes à nova realidade destacam-se os trabalhos desenvolvidos por S. N. Eisenstadt e sua equipe de pesquisadores da Universidade Hebraica de Jerusalém. Num desses trabalhos (1970), Eisenstadt esclarece o problema geral da pesquisa, como sendo o exame das condições sob as quais se dá uma adaptação de imigrantes bem sucedida.

Na pesquisa, adaptação foi definida em termos amplos como a capacidade efetiva dos imigrantes de exercer com sucesso os papéis básicos inerentes às principais esferas institucionais (familiares, econômicas, políticas, etc.) da estrutura social do país de absorção. Esta capacidade efetiva foi subdividida em três esferas principais: 1) o aprendizado efetivo de novos papéis sociais e sua utilização em diferentes esferas; 2) a amplitude da participação social estável com antigos habitantes do país, tanto em grupos existentes quanto em novos grupos; 3) a evolução ou manutenção de identificação positiva com a nova estrutura social e seus valores, e a minimização de comportamento agressivo contra ela. O autor reconhece que a obtenção de uma adaptação máxima decorre de um processo lento, gradual e desigual, que pode ser atingido – se isso for possível – em condições específicas, entre as quais estão: 1) as que se referem às motivações e predisposições dos próprios imigrantes para agir no novo campo social; e 2) as que se relacionam com as condições existentes no novo campo social, que definem as oportunidades disponíveis para os novos imigrantes e as atitudes existentes para com eles (Eisenstadt, 1970).

Ben David (1970) prefere situar a problemática da migração e da adaptação de imigrantes em termos de mudança social. Para ele, o importante é, por um lado, distinguir entre a permanência de determinados traços culturais dos imigrantes e a existência de diversos sistemas culturais; e, por outro, enfatizar o significado funcional de cultura e de seus vários elementos na vida cotidiana dos indivíduos envolvidos. Sua análise inicia-se com o exame do efeito da migração para Israel sobre a personalidade do indivíduo, mostrando que um fenômeno que caracteriza uma situação deste tipo é o empobrecimento do ego, principalmente porque, no novo habitat, a organização dos papéis sociais em torno dos quais o ego foi construído não servem mais como guias, resultando, para o indivíduo, em sensação de insegurança. Os sentimentos de insegurança, frustração e ansiedade acentuam-se devido ao encolhimento considerável dos relacionamentos primários, íntimos, possibilitados pelos laços familiares, que podem propiciar ao indivíduo algum encorajamento durante os períodos de crise

que ele irá enfrentar; ao mesmo tempo, mesmo os indivíduos que migram em companhia de suas famílias podem ter problemas, devido a mudanças na posição social em relação à que tinham no país de origem. Entre os problemas decorrentes da desorganização do ego, Ben David chama a atenção para a ênfase em necessidades biológicas em sua forma primitiva, não social, como uma posição central na estrutura da personalidade; e a dependência emocional em determinadas pessoas no novo meio ambiente, afetando a capacidade do indivíduo de planejar seu futuro de forma independente, numa espécie de regressão. Por certo, a esses fatores, podem-se acrescentar a presença ou não de amigos e parentes no novo país; a bagagem cultural do imigrante, que pode facilitar ou não o tipo de trabalho que ele poderá obter e o meio social no qual ele poderá se inserir; o conhecimento ou não da língua falada no país, assim como a possibilidade de comunicação em sua própria língua nativa. O importante, de qualquer modo, é que, na nova sociedade, o indivíduo enfrenta a questão da autoidentificação: “um indivíduo que deixa de ser membro de uma sociedade e torna-se membro de outra muda sua identidade pessoal de alguma maneira” (Ben David, 1970: p.382).

Como resultado de sua análise, Ben David (1970: p.371) conclui que “o processo de ajustamento de indivíduos ou grupos à nova sociedade somente pode ser entendido como resultado da configuração de fatores, que aparecem sob diferentes formas em cada caso individual, entre os quais está o pertencimento a um grupo étnico em particular”.

A pesquisa

a) Método de coleta de dados

Para a coleta de informações, foram feitas entrevistas semiestruturadas com diferentes categorias de sujeitos: os que estiveram em Israel com a finalidade de estudo (programas Ayanot e Shnat)¹³, os que viajaram com o

¹³ Ayanot: Programa que prevê a realização de um semestre letivo em Israel podendo ocorrer no Primeiro ou no Segundo ano do Segundo Grau; Shnat: Programa que prevê um ano de estudo e trabalho num Kibutz, além de vivência em Israel, para jovens que já concluíram o Segundo Grau.

objetivo de estabelecer residência e que ainda permanecem no país, os que viajaram com o objetivo de estabelecer residência, mas retornaram ao Brasil¹⁴.

Devido à variedade de situações existentes, as entrevistas procuraram dar conta das singularidades de cada experiência, obtendo, assim, maior abrangência de dados para análise qualitativa.

Dentre os judeus que foram para Israel com o objetivo de lá estabelecer residência, fazem parte da amostra homens e mulheres com origem em Porto Alegre, com idade mínima de 20 anos, e que permaneceram em Israel por período de tempo igual ou superior a dois anos. Também fazem parte da amostra judeus que estão em Israel atualmente há pelo menos um ano e que tinham por objetivo a fixação de residência naquele país. Integram a amostra, ainda, jovens com pelo menos 18 anos, que permaneceram em Israel por pelo menos um ano, retornando a Porto Alegre posteriormente.

Para a seleção dos integrantes da amostra, a partir da escolha de alguns sujeitos que preencheram os critérios estabelecidos acima, indicados por informantes “chave”, foram incluídos novos sujeitos indicados pelos próprios entrevistados (efeito “bola de neve”).

A pesquisa prevê a coleta de dados com os emigrantes principalmente através da Internet, por meio de correio eletrônico. A utilização desse procedimento de coleta de dados possibilita a realização de ‘entrevistas’ com sujeitos que não residem em Porto Alegre, embora possa ocorrer um viés no sentido da exclusão, da amostra, de pessoas que não têm acesso a este meio eletrônico de comunicação. Algumas entrevistas têm sido realizadas pessoalmente em Porto Alegre, aproveitando o período de férias de algumas pessoas, o que em parte contorna o viés mencionado acima.

Até o presente, foram feitas quinze entrevistas, quatro através da Internet e onze pessoalmente (das quais três com judeus porto-alegrenses residentes em Israel e uma com um ‘retornado’ dessa migração). Os entrevistados apresentam as seguintes características: dos que residem em Israel, são quatro mulheres e um homem. Desses, três mulheres e um homem têm faixa etária entre 20 e trinta anos e residem em Israel há pelo menos quatro anos; uma das mulheres entrevistadas, residente em Israel, tem 60 anos

¹⁴ A pesquisa está em andamento e deverão ser entrevistados ainda cerca de 10 ou 12 sujeitos.

de idade e mora em Israel há mais de trinta anos. Dentre os que retornaram de Israel para o Brasil, está um homem com cerca de 50 anos e de nacionalidade argentina, duas mulheres e três homens com idade entre vinte e trinta anos, e que permaneceram em Israel por cerca de um ano e meio, e os demais, na maioria do sexo masculino, oriundos de programas com um ano de permanência naquele país, também com idades entre 20 e 25 anos.

b) Principais resultados

... a viagem de ida a Israel

Uma das características dos judeus brasileiros que vão residir em Israel é a idade, pois a maioria de nossos entrevistados decidiu fazer uma viagem de longa duração àquele país quando eram jovens (entre 20 e 25 anos). Esses jovens também eram solteiros por ocasião da viagem.

Os motivos que levam jovens judeus brasileiros a migrarem para Israel são bem diferentes dos que provocam a ida de japoneses ao Japão, dos descendentes de alemães e italianos para os países de origem de seus antepassados e de brasileiros para os Estados Unidos, Canadá e outros países.

Com base nas entrevistas realizadas, verificou-se que os principais motivos para a emigração de judeus brasileiros para Israel são: 1) crença religiosa ou ideológica; 2) dificuldade de obter emprego ou ter sucesso profissional no Brasil; 3) desejo de independência ou de viver novas experiências. Esses motivos podem ocorrer isoladamente ou podem estar associados, como no caso de uma porto-alegrense que viajou para Israel com o propósito de 'viver uma aventura' e de passear, mas que ao conhecer aquele país, identificou-se com o funcionamento do mesmo e lá permanece até hoje, totalizando atualmente cinco anos de residência em Israel. Existe também a possibilidade de um jovem viajar a Israel para estudar ou especializar-se em sua profissão e por motivos diversos (tal como identificação religiosa ou ideológica, oferta de emprego ou casamento) decidir permanecer no país.

A migração para Israel por motivos econômicos, no caso de judeus brasileiros, é menos frequente que as migrações motivadas por motivos ideológicos. Esta motivação pode estar caracterizando parte da migração a Israel de judeus argentinos, cujo país enfrenta uma grave crise político-econômica neste período. Kliksberg (2002) divulga a estimativa de que cerca de 50.000 judeus argentinos estejam abaixo da linha de pobreza, ou seja, não

têm o necessário para a alimentação, e a comunidade judaica Argentina foi atingida de forma avassaladora pela crise econômica pois as ocupações mais comuns dos judeus argentinos (como o comércio, por exemplo) foram as mais prejudicadas pela política econômica que vigorou no país. Muitos desses argentinos empobrecidos encaram a alternativa de sair do país e, entre os judeus, a ida a Israel coloca-se como um dos destinos possíveis.

Por volta dos anos de 1980, a Rússia vivenciou uma crise econômica e política grave, ocorrendo um fenômeno semelhante ao da Argentina atualmente em relação à comunidade judaica. De acordo com LoBue (2002), durante o governo de Brezhnev, a estagnação econômica da Rússia atingiu seu pico. O governo encontrava-se apático aos problemas mais básicos. Nesse contexto, muitos judeus russos migraram para Israel com o intuito de buscar uma vida melhor. Armstrong (2002) traz a informação de que, entre 1989 e 1995, houve quase 700.000 desembarques de russos em Israel, país que é composto atualmente por cerca de 40% de população imigrante. Segundo Armstrong, os imigrantes da antiga União Soviética se diferenciaram dos outros imigrantes, pois trouxeram ferramentas profissionais e saber político, causando impacto imediato na sociedade israelense. A maioria dos migrantes possuía avançado nível técnico em diversas áreas do conhecimento e foram rapidamente absorvidos pelo mercado de trabalho israelense, que se encontrava carente de mão de obra qualificada em diversos âmbitos.

Em contraposição à situação atual da Argentina e ao caso da Rússia, há o exemplo dos Estados Unidos da América, que também têm vários representantes judeus residindo em Israel. No caso desse país, os motivos para a migração são principalmente religiosos e ideológicos, pois a situação econômica dos que vão para Israel é geralmente favorável nos Estados Unidos.

... o processo de adaptação em Israel

O processo de integração de judeus em Israel é facilitado pela existência de uma estrutura oficial, com caráter assistencial, de oferta de cursos de língua hebraica e de especialização profissional e, com frequência, dependendo do caso, de subsídio à instalação e de pagamento de uma bolsa de manutenção durante o período de aprendizado da língua ou de treinamento profissional.

A integração ou não de judeus brasileiros em Israel está em grande parte relacionada com os motivos que os levaram a estabelecer residência naquele país. Para os que buscam uma vida melhor no que se refere à situação financeira e profissional, a permanência ou não naquele país está atrelada ao sucesso profissional, à estabilidade financeira e às melhorias nas condições de vida. Em Israel, o custo de vida é mais alto, mas os salários também são relativamente mais elevados que no Brasil. Muitos migrantes não encontram empregos satisfatórios nas mesmas ocupações que tinham no Brasil, e precisam receber treinamento em outra profissão. Também há casos de pessoas que no Brasil tinham ocupações como autônomos e em Israel precisam inserir-se no mercado de trabalho como empregados. É interessante verificar, porém, que embora possam ocorrer dificuldades momentâneas referentes ao trabalho, aqueles que já se encontram no país relutam em voltar – por um lado, são influenciados por sua identificação com o país e, por outro, pelas dificuldades que se colocariam no retorno, após terem feito um investimento financeiro e pessoal na mudança. Os que apresentam menor dificuldade de integração são os que migram por motivos religiosos ou ideológicos.

Um aspecto que, em muitas situações de migração, pode dificultar a inserção dos migrantes são as ideias preconcebidas (estereótipos) da população local em relação à etnia ou religião dos recém-chegados. No caso em exame, os judeus brasileiros que migram a Israel não encontram estereótipos desfavoráveis e mesmo que tenham dificuldades de relacionar-se de imediato com a população local, inserem-se facilmente nos grupos de brasileiros e latino-americanos residindo naquele país.

A religião também aparece como aspecto importante na adaptação do indivíduo a Israel. A religião judaica é majoritária naquele país, mas mesmo sem ser praticante, o jovem migrante identifica-se com aquele país nesse sentido, pois os feriados judaicos são obrigatórios, não sendo necessário explicar no trabalho o motivo pelo qual não se pode trabalhar. Um problema pode ocorrer no que se refere ao casamento, caso o jovem migrante decida casar-se com um não judeu, com alguém que tenha se convertido ao judaísmo de acordo com uma linha liberal ou conservadora (a linha ortodoxa predomina no país) ou com um indivíduo separado ou divorciado, é o fato de o casamento ter caráter apenas religioso em Israel, visto que não existe casamento civil.

Também foi referida pelos entrevistados, de forma bastante enfática, a importância das redes de apoio social para a permanência em Israel (amigos, namorado, familiares e colegas de trabalho). Muitos migrantes, antes de viajar, já têm conhecidos vivendo naquele país e, através desses, conseguem ampliar sua rede de relações. Um fator importante é a inserção imediata, logo após a chegada no país, em cursos de língua, Universidade ou cursos de treinamento profissional, nos quais os contatos com pessoas em situação semelhante são facilitados.

O aprendizado da língua, em cursos de cerca de cinco meses, além de proporcionar a ampliação do círculo de amizades, viabiliza o relacionamento com a população local.

Um aspecto que dificulta a integração dos migrantes e, em alguns casos, justifica o retorno ao Brasil, é o conflito que se estabelece entre o estado de Israel e a população palestina. Os entrevistados relatam que, diferentemente do Brasil, não temem ser assaltados quando saem à rua, em Israel há sempre o temor de um ataque terrorista. Ao mesmo tempo, os migrantes raramente chegam muito perto do conflito, pois não vão para o exército ou à frente de batalha. São raros os casos como o de um judeu do interior do Rio Grande do Sul morto quando fazia a guarda em um assentamento de colonos judeus na Cisjordânia ou o do viúvo de uma judia gaúcha que decidiu vender sua residência na cidade e mudar-se para um desses assentamentos.

... o retorno ao Brasil

Para os que retornam ao Brasil, após uma relativamente longa estadia em Israel, a reintegração à sociedade brasileira torna-se uma questão importante. A reintegração é facilitada pelos laços familiares, relações com os pares e pela experiência adquirida em Israel. No entanto, é dificultada pela necessidade de (re)iniciar a vida profissional.

Em alguns casos, percebemos o aproveitamento de conhecimentos e habilidades aprendidos em Israel como ‘capital cultural’ por aqueles que retornam ao Brasil. É o caso, por exemplo, de vários ‘retornados’, após longa estadia em Israel e aprendizagem forte do idioma, que ao voltar ao Brasil são contratados por instituições de ensino para lecionar a língua hebraica ou são absorvidos por outras instituições judaicas locais.

A vivência num outro país, ao qual o sujeito precisou adaptar-se, graças ao aprendizado da língua oficial e de normas e valores, resulta numa experiência multicultural, que pode ser aproveitada por ocasião do retorno ao país de origem: o 'retornado' tem facilidades nos relacionamentos com estrangeiros e, além da língua oficial do país, provavelmente praticou uma ou mais de uma língua estrangeira (principalmente espanhol e inglês), o que poderá ser útil numa sociedade cada vez mais globalizada.

Uma situação peculiar é a de um judeu argentino, que residiu em Israel por seis anos e, após casar com uma brasileira, veio morar no Brasil. No seu caso, a desterritorialização foi dupla, primeiro em Israel, com relação à Argentina, e depois no Brasil, com relação a Israel. Para esse homem, "a maior dificuldade foi o idioma, os costumes, o jeitinho brasileiro, a falta de oportunidade de trabalhar naquilo que realmente o país e a gente necessita,"

Conclusões

Através da análise dos dados coletados, foi possível verificar que as principais motivações de jovens judeus que migram ou que viajam a Israel pelo período de pelo menos um ano é a identificação com o judaísmo, seja este visto no aspecto religioso ou ideológico (sionista).

Na experiência de ir a Israel e retornar ao Brasil a identidade judaica passa por alterações: durante a estada em Israel, a identificação como judeu (judia) evidencia-se principalmente face ao confronto entre israelenses e palestinos, mas surgem novas questões de identificação, principalmente aquelas relacionadas à religião, já que existem em Israel diversas modalidades de judaísmo, sendo predominante a ortodoxa, e à ideologia (várias modalidades de sionismo e não sionismo); no retorno ao Brasil, a identificação como judeus passa por nova configuração, graças ao reforço do 'território' como critério central, o que aparece na relação com os judeus locais e com os não judeus. A identificação dos jovens judeus como sefaraditas, ashkenazitas ou orientais não foi associada, pelos entrevistados, a dificuldades ou facilidades de adaptação em Israel, pois, naquele país, sua identificação dá-se preferentemente como brasileiros.

A integração em Israel é facilitada pela origem étnica (brasileira), devido à inserção do judeu brasileiro em grupos de brasileiros e latino-

americanos residentes em Israel e à inexistência, naquele país, de uma imagem negativa (estereótipo) em relação aos brasileiros, mas é dificultada por fatores tais como a ausência de laços familiares (pais ou cônjuges) e formação profissional insuficiente para proporcionar uma inserção profissional com remuneração adequada aos padrões de vida israelense e que corresponda às expectativas que podem ter motivado a migração, assim como a situação conflituosa em relação aos palestinos.

A identidade judaica também parece adaptar-se a cada situação. Isso ocorre, pois, na situação de retorno, os judeus que residiram por um certo período em Israel trazem uma 'marca' que os distingue dos demais judeus, ampliando a distância (fronteira) entre eles e os judeus locais e entre eles e os não judeus. A diferença identitária que se estabelece entre judeus que nunca moraram em Israel e judeus que já o fizeram parece ter sua base no orgulho coletivo cultivado pela "Eretz" (terra de Israel). O fato de alguém ter morado naquele país é valorizado tanto por quem já teve quanto por aqueles que nunca tiveram esta experiência.

Referências bibliográficas

- ARMSTRONG, James. *Immigration to Israel: Sociological Perspectives*. Disponível em: <http://muse.jhu.edu/demo/sho/19.3armstrong.html>. Consultado em: 29/04/2002.
- BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. pp. 185-227
- BEN DAVID, Joseph. Ethnic Differences or Social Change? In: EISENSTADT, S.N.; BAR YOSEF, Rivkah; ADLER, Haim (eds.). *Integration and Development in Israel*. Jerusalem: Israel Universities Press, 1970. pp.368-87.
- BERENSTEIN, Nicole; PORZECANSKI, Rafael. *Perfil de los egresados de la Red Formal de Educación Judia Uruguaya*. Montevideo, Fundación L. A. Pincus para ao Educación Judia en la Diáspora (Israel); Consejo de Educación Judia del Uruguay, 2001.

BERTONHA, João Fábio. Migrações internacionais e política no Brasil nos anos 30 e 40. In: *Brasil: migrações internacionais e identidade*.
<http://www.comciencia.br/reportagens/migrações/migr06.htm>.
 Acesso em 09/06/2001.

BRASIL: *migrações internacionais e identidade* [sem referência a autor].
 Conexão Brasil-Estados Unidos
<http://www.comciencia.br/reportagens/migrações/migr15.htm>.
 09/06/2001. (1)

BRASIL: *migrações internacionais e identidade* [sem referência a autor].
 Migração japonesa e o fenômeno de kassegui: do país do sol nascente para uma terra cheia de sol.
<http://www.comciencia.br/reportagens/migrações/migr19.htm>.
 09/06/2001. (2)

BRASIL: *migrações* [sem referência a autor]. “Migrações”.
<http://frigoletto.vila.bol.com.br/GeoPop/migrações.htm>. 17/06/2001

BRUMER, Anita. *Identidade em mudança; pesquisa sociológica sobre os judeus do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 1994.

CHAUDHRY, Intiaz A. *Japanese Government's Mysterious Policies*. UMJ News, vol. 2. Disponível em: <http://www.utj.gol.com/newsletter/>

CLIFFORD, James. *Diasporas. Cultural Anthropology*, American Anthropological Association, vol.3, n.9, 1994.

EISENSTADT, S. N. The Process of Absorption of New Immigrants in Israel. In: EISENSTADT, S.N.; BAR YOSEF, Rivkah; ADLER, Haim (eds.). *Integration and Development in Israel*. Jerusalem: Israel Universities Press, 1970. pp.341-67.

GOMEZ, Gustavo Montariez & MAHECHA, Ovídio Delgado. Espaço, Território e Região: conceitos básicos para um projeto nacional. In: *Cuadernos de Geografia*, 1998.
www.humanas.unal.edu.co/geografia/cuadernos/ano1998/montanez.pdf

JACQUES, Maria da Graça Corrêa. Identidade. In: STREY, Marlene Neves (org.). *Psicologia Social Contemporânea*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

JARDIM, Denise Fagundes. *Palestinos no extremo sul do Brasil: identidade étnica e os mecanismos sociais de produção de etnicidade* – Chuí/RS. Rio de Janeiro: 2000. 376 f.

KLIKSBERG, Bernardo. A comunidade judaica da Argentina em perigo. In: *Morashá*. São Paulo: CBSP, 2002. Ano X, n° 36. Pg. 60-63.

LESSER, Jeffrey. Construindo o espaço étnico. In: *A negociação da identidade nacional: Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

LOBUE, Christopher M. *Capitalism in Russia*. In:
www.argate.net/~xlobue/history.HTM 2002.

MACHADO, Irene. Para além do Multiculturalismo: Argumentos em defesa da Semiodiversidade. In: *XXIII Congresso Brasileiro da Comunicação. Universidade do Amazonas*, 2000.
www.intercom.org.br/papers/xxiii-ci/gt08al.pdf (consultado em maio de 2002).

MANFROI Olívio. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul; implicações econômicas, políticas e culturais*. Porto Alegre: Grafosul/Instituto Estadual do Livro, 1975.

MARTIN, Denis-Constant. *Des Identités en Politique*, 42(4); 582-593, Aôut, 1992.

ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969. 2 vol.

LANDO, Aldair e outros. RS: *Imigração & Colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

SAITO, Hiroshi; MAEYAMA, T. (eds.) *Assimilação e integração dos japoneses no Brasil*. Petrópolis, Vozes/ São Paulo: Edusp, 1973.

SASAKY, Elisa. In: *BRASIL: migrações internacionais e identidade* [sem referência a autor]. *Migração japonesa e o fenômeno de kassegui: do país do sol nascente para uma terra cheia de sol*.

- SCUDELER, Valéria Cristina. Imigrantes valadarenses nos EUA. In: *Brasil: migrações internacionais e identidade*: Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/migrações/migr17.htm>. 09/06/2001.
- SCLIAR, Moacyr. *Caminhos da Esperança: a presença judaica no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Instituto Cultural Judaico Marc Chagal, 1990.
- SEYFERTH, Giralda. Imigração, colonização e identidade étnica; notas sobre a emergência da etnicidade em grupos de origem europeia no sul do Brasil. *Revista de Antropologia*, 1986.
- TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. *Patrícios; sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo, Hucitec, 1997.
- VÁSQUEZ, Guillermo Hoyos. Trois espaces linguistiques face aux défis de la mondialisation. Paris, março de 2001. In: *Identidade e Multiculturalismo*. Disponível em www.francophonie.org/oif/actions/20mars2001/hoyos_p.pdf (consultado em maio de 2002).